

Gêneros Textuais: Texto Argumentativo

"A tentativa de implantação da cultura europeia em extenso território, dotado de condições naturais, se não adversas, largamente estranhas à sua tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em consequências. Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas ideias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra. Podemos construir obras excelentes, enriquecer nossa humanidade de aspectos novos e imprevistos, elevar à perfeição o tipo de civilização que representamos: o certo é que todo o fruto de nosso trabalho ou de nossa preguiça parece participar de um sistema de evolução próprio de outro clima e de outra paisagem."

(*HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, 26ª ed., p. 31*).

1. A ideia central do texto é (são):

- a) as origens da sociedade brasileira.
- b) a implantação da cultura europeia no Brasil.
- c) o aperfeiçoamento da civilização brasileira.
- d) as formas de convívio, instituições e ideias do Brasil.
- e) a ausência de uma cultura brasileira.

2. O cérebro e a memória

Como se formam lembranças no cérebro de um bebê? Por que uma melodia romântica pode disparar sensações tão agradáveis? Por que não conseguimos nos lembrar do que aconteceu conosco antes dos três anos de idade?

Lembrar não implica apenas arquivamento de informações. É difícil perceber, mas precisamos de memória para atribuir sentido às experiências vivenciadas e conectá-las com outras. Não notamos, mas precisamos da memória também, por exemplo, para associar a bicicleta caída a um tombo que levamos ou para acertar o trajeto da cozinha à sala.

Na infância, quando aprendemos a andar, há uma explosão de conexões entre as células cerebrais. Cada experiência, por mais trivial que seja, imprime uma marca no cérebro, formando um circuito entre neurônios. Já as memórias que perdem o interesse vão sendo descartadas. Essa constante transformação do cérebro impede que haja duas pessoas iguais no mundo.

Uma curiosidade da memória é a seleção. Convenhamos: armazenar tudo seria tão inútil quanto não guardar nada. Então, para não se sobrecarregar, o cérebro é sábio. Divide as tarefas e usa tipos diferentes de memória. Para entender e escrever o que se ouve ou se lê, usa-se uma memória descartável. Essa é a memória de trabalho. O cérebro sabe que não precisa guardar informações corriqueiras por muito tempo. Por isso, reserva espaço para a memória de longa duração; Dessa forma, o cérebro escolhe o que vai formar nossa bagagem de experiências.

Algumas lembranças, entretanto, parecem emergir do nada: uma música pode reacender as sensações de um jantar romântico. Nesse caso, o cérebro associou a melodia ao rosto, ao cheiro, ao nome de uma pessoa. Naquele momento, neurônios formaram conexões para

reconhecer todos os detalhes. A imagem foi montada pelo córtex visual: o perfume foi reconhecido no córtex olfativo; a música e as emoções do momento foram registradas em outras áreas do cérebro.

Mesmo finda a sequência, a cena ainda não estará completamente arquivada. As informações, frescas, precisam passar pelo hipocampo, que, como uma cola, reforçará cada elo do circuito de neurônios. Uma interrupção pode, inclusive, causar a desgravação ou a não gravação. Por isso, depois de um acidente de carro, por exemplo, a vítima esquece momentos imediatamente anteriores à batida. Um trauma interrompeu uma fase de gravação.

Uma vez fixado, um circuito de neurônios pode ficar no cérebro por décadas. Por isso, tempos depois, num bar, distraído, você ouve aquela música e pronto! Uma coisa puxa a outra e será suficiente para reativar todo o circuito. Aliás, a lembrança pode ser até mais agradável do que foi o acontecimento real.

Adaptado de: VARELLA, Dráuzio. O cérebro e a mente (Série 'Cérebro, a máquina'). Disponível em: <<http://www.drauziovarella.com.br>>

Sobre o sentido e a funcionalidade do último parágrafo em relação ao todo do texto, é correto afirmar que ele

- a) nega um argumento do penúltimo parágrafo.
- b) reitera uma negação do primeiro parágrafo.
- c) detalha informações do terceiro parágrafo.
- d) responde a uma pergunta do primeiro parágrafo.
- e) reforça com um novo exemplo a argumentação anterior.

3. Quando Jean-Jacques Rousseau desenvolveu a teoria do contrato social em obra clássica, não estava sendo o primeiro a afirmar que o Estado surge de um acordo de vontades. Antes dele, Thomas Hobbes já desenvolvera teoria semelhante. Existe, porém, um foco de divergência entre estes autores: se ambos consideram o homem primitivo vivendo num estado selvagem, passando à vida em sociedade mediante um pacto comum a todos, exatamente como se cria uma sociedade civil ou comercial, vale frisar que Rousseau imaginava uma convivência individualista, mas cordial, vivendo os homens pacificamente, sem atrito com seus semelhantes, ao contrário de Hobbes, para quem, em célebre tirada, "o homem é lobo do próprio homem" (*homo homini lupus*). Considerava Hobbes que o homem era um ser anti-social por natureza, e seu "apetite social" seria o fruto da necessidade da vida comunitária, fiscalizada por um aparato social gigantesco destinado a impor a ordem, o Estado, enfim. A este aparato Hobbes denominava "Leviatã". Esta palavra, de origem bíblica, designava um monstro mitológico que habitava o rio Nilo e devorava as populações ribeirinhas, tal como, segundo Hobbes, o Estado faz com seus súditos...

ACQUAVIVA, Marcus Cláudio. Teoria Geral do Estado. 2ª ed. rev. e aum. São Paulo: Saraiva, 2000. p. 18/19.

Considerando o gênero, o texto é uma

- a) descrição que apresenta como característica a contraposição de ideias e a defesa de uma delas pelo autor.
- b) descrição que tem como característica a presença de verbos de estado e a ausência do ponto de vista do autor.

- c) dissertação do tipo subjetiva porque o autor apresenta e defende seu ponto de vista sobre a função do Estado.
- d) dissertação do tipo objetiva porque o autor expõe ideias, sem posicionar-se contra ou a favor em relação a elas.
- e) narração em que o autor apresenta uma longa introdução para, a seguir, narrar os feitos do monstro mitológico.

4. Ninguém migra sem a promessa de algo melhor. No passado, lendas e boatos compunham a mídia da esperança. A Terra Prometida, a lendária Atlântida, El Dorado ou o Novo Mundo forneceram histórias mágicas que motivaram muitos a partir. Hoje o sonho chega através da mídia global até o mais remoto povoado do mundo em desenvolvimento. Essas imagens contêm menos substância, menos realidade do que as lendas de outrora; no entanto, seus efeitos são incomparavelmente mais poderosos. A publicidade, que nos países ricos de onde provém é facilmente percebida como um sinal vazio, sem referente real, tem no Segundo e Terceiro Mundo o peso de uma descrição confiável de um modo de vida possível. Em grande medida, ela determina o horizonte de expectativas que impulsiona a migração.

Hans Magnus Enzensberger. O vagão humano (fragmento). In: Veja 25 anos - reflexões para o futuro

Todos os recursos a seguir são empregados pelo autor para apresentar e defender suas ideias, exceto:

- a) fundamentação em fatos.
- b) comparação no plano temporal.
- c) comparação no plano espacial.
- d) retomadas explicativas.
- e) citação de autores da Antiguidade.

5. Clonagem

Parabenizo o jornalista Marcelo Leite pelo artigo "O conto das células de cordão" (Mais!, pag. 18,18/7).

A tecnologia de congelamento de células de cordão é muito bem dominada por alguns serviços médicos no Brasil há vários anos. Logo, seria natural que migrássemos para esse campo. Mas, mesmo sendo factível a sua introdução, ficamos convencidos de que essa seria uma área que só deveria ser implantada por instituições (preferencialmente públicas) responsáveis pelo tratamento de um grande contingente de pacientes, pois só com um cadastro nacional abrangente poderiam ser atendidos aqueles com indicação de transplante de medula óssea que não tivessem doadores relacionados disponíveis.

Infelizmente, foi com muito pesar que vi a proliferação de bancos de cordão voltados ao possível atendimento dos próprios doadores do cordão (crianças saudáveis e provenientes de famílias com bons recursos financeiros), uma prática totalmente desnecessária com pouca repercussão do ponto de vista da saúde pública.

Foi por esse motivo que nunca nos aventuramos nessa área.

Silvano Wendel, diretor médico do banco de sangue do Hospital Sírio-Libanês (São Paulo-SP)

FOLHA DE S. PAULO, São Paulo, 23 jul. 2004, p. A3, Painel do Leitor.

Na linguagem utilizada na carta "Clonagem" predominam funções vinculadas ao assunto e ao convencimento do leitor. Essas funções são percebidas pelo emprego de

- a) expressões, como "infelizmente", referentes ao sentimento do autor e de definições dos termos científicos empregados.
- b) marcas da oralidade para garantir a atenção do leitor e paráfrases para evidenciar o modo como o texto foi organizado.
- c) termos referenciais para informar com precisão e objetividade e argumentos para garantir a adesão do leitor ao ponto de vista do autor.
- d) adjetivos para evidenciar os traços de subjetividade do autor e sinônimos para garantir a compreensão do leitor sobre o tema proposto.
- e) recursos da linguagem figurada para garantir a compreensão da mensagem e verbos no modo imperativo para marcar uma proximidade com o leitor.

Linguagem de computador

Como funciona o código de barras?

Alexandre Nogueira, Maceió, AL

Também chamado de código UPC, Universal Product Code, Código Universal de Produtos, as barras nada mais são do que representações gráficas do código binário utilizado pelos computadores (0 e 1). Cada barra escura equivale a 1 e cada barra clara equivale a 0. Uma barra escura mais grossa que as outras é, na verdade, a somatória de várias barras escuras, umas ao lado das outras; o mesmo vale para as barras claras.

Sim, parece difícil de entender, afinal, é uma operação que envolve muitas contas, mas a intenção é simples: rastrear os passos de uma mercadoria e permitir ao proprietário ter mais controle do que tem e do que vende em uma loja.

Apesar da tecnologia ter sido desenvolvida na década de 50, somente após sua padronização, nos anos 70, empresas americanas e europeias começaram a utilizá-la em larga escala. Funciona assim: cada produto recebe uma numeração exclusiva internacionalmente reconhecida como GTIN, Número Global de Item Comercial (Global Trade Item Number), que será a chave de acesso para identificação do produto e suas características que devem estar armazenadas nos bancos de dados das empresas. É como se fosse um RG internacional da mercadoria e que pode ser representada por um ou mais tipos de código de barras. [...]

Para decodificar a sequência de barras claras e escuras, os scanners (como aqueles que encontramos nos caixas dos supermercados) emitem sinais luminosos ou raios laser que são projetados no código, refletindo seu desenho e possibilitando sua identificação. [...]

GALILEU, São Paulo, set. 2004, p. 84.

6. "Linguagem de computador" é um texto de divulgação, que se constitui a partir da intersecção de dois tipos discursivos, o científico e o jornalístico. Para tornar interessante e acessível ao

grande público o assunto "funcionamento do código de barras", Alexandre Nogueira utilizou como estratégia a

- a) apresentação das motivações políticas para a implantação do GTIN.
- b) caracterização da linguagem computacional recorrendo ao emprego de estrangeirismos.
- c) descrição das representações gráficas do código de barras via oposição entre formato e cor.
- d) explicação do funcionamento do código de barras seguindo as regras da linguagem de propaganda.
- e) simulação de um diálogo com o leitor a partir do uso de perguntas e respostas retóricas.

7. Em "É como se fosse um RG internacional de mercadoria", o autor compara o código de barras ao RG para

- a) esclarecer que ambos os sistemas são controlados por redes de monitoramento.
- b) explicar a finalidade do código de barras como instrumento de registro.
- c) mostrar que esses códigos necessitam de procedimentos especiais de leitura.
- d) descrever o funcionamento dos sistemas de identificação de produtos e de pessoas.
- e) justificar a existência generalizada de códigos de identificação.

Gabarito

1. E
2. D
3. D
4. E
5. C
6. E
7. B